



## **“PARA TODOS OS LAVRADENSES MEU ÚLTIMO ABRAÇO”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VASCONCELOS (1944-1984)**

Autora: Maria Aline Souza Guedes - UFCG  
(malinesguedes@gmail.com)

Orientadora: Regina Coelli Gomes Nascimento - UFCG  
(reginacgm@gmail.com)

Co-orientador: Iranilson Oliveira Buriti - UFCG  
(iburiti@yahoo.com.br)

Neste artigo problematizaremos aspectos da trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984) professora e cientista social, natural de Pedra Lavrada-PB. O eixo norteador desta escrita será discutir as memórias construídas a partir dos últimos acontecimentos na sua vida, por meio de entrevistas realizadas com familiares da educadora, amigos e membros da comunidade. Para fundamentar nossas discussões, utilizaremos como aporte teórico as contribuições de Alberti (2004) sobre os usos da História Oral, Halbwachs (2006) sobre memória e Elias (2001) sobre morte e doença.

Palavras-chave: Memória; Doença; Pedra Lavrada-PB, Maria Elenita de Vasconcelos.

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste artigo é problematizar a memória construída a partir das histórias de vida da professora Maria Elenita, lavradense que se destacou na cidade a partir de várias ações realizadas em âmbito educacional.

A educadora nasceu em Picuí - PB<sup>1</sup>, em 1945, no sítio Salgadinho, cursou o primário na Escola Estadual Professor Francisco Ferreira e, posteriormente, passou a morar na cidade de Campina Grande - PB<sup>2</sup>, onde estudou na Escola Estadual de Campina Grande-PB.

Vale destacar conforme Silva (2014) esta escola corresponde a uma relevante instituição de ensino público secundário público na Paraíba da metade do século XX. Sendo o primeiro colégio público de ensino secundário da cidade, o segundo da Paraíba, perdendo apenas para o Lyceu Parahybano localizado na capital João Pessoa.

Estudar no “Gigantão”<sup>3</sup>, era um desejo de muitos pais e jovens de Campina Grande dos anos 60 e das cidades circunvizinhas, por promover uma continuidade aos estudos de

---

<sup>1</sup>Pedra Lavrada passou a ser distrito de Picuí em 14 de julho de 1890, pela Lei Estadual nº 20, até a sua emancipação em 13 de janeiro de 1959, pela Lei Estadual nº 1.944. O município foi reconhecido oficialmente como cidade no dia 25 de janeiro de 1959. Disponível em: <http://pedralavrada.pb.gov.br/paginas/historia> Acesso em 25.11.2015.

<sup>2</sup>Campina Grande é uma cidade brasileira situada no [estado](#) da [Paraíba](#), considerada um dos principais pólos tecnológicos da região. (83) 3322.3222



forma gratuita. Garantir essa continuidade do ensino ginásio era uma provável distinção social no âmbito da sociedade Paraibana, uma “garantia” um futuro promissor. (SOUZA, 2014, p.124)

A autora Souza (2014) esclarece que nem todos tinham a oportunidade de estudar, pois a matrícula só se dava de duas formas: por aprovação no exame de admissão e por apresentação do diploma (ginásio)<sup>4</sup> quando este já havia sido concluído com a finalidade de ingressar nos cursos clássicos e científicos. Vale ressaltar que era limitado o número de pessoas, nesse período que conseguiam concluir o ensino primário, e mais ainda, os que conseguiam ser aprovados no exame de admissão na instituição.

Consideramos que a professora de certa forma tenha sido uma mulher que se dedicou aos estudos, conseguindo ser aprovada no exame de admissão no “Gigantão”, apesar de ter terminado o primário em Pedra Lavrada-PB e que segundo as entrevistas, no final dos anos 1950 o povoado tinha formação educacional precária. Este que funcionava sem muitos professores capacitados e nem materiais didáticos adequados.

Em 1965, Elenita passa no exame de Admissão para A escola Normal Padre Emídio Viana, da qual permaneceu de 1965 á 1967 que foi outra importante instituição pública da cidade. Criada em 1960, funcionava contava apenas com duas salas, sendo uma com 25 alunos e a outra onde ficava a direção, secretaria e o arquivo. A escola no período que Elenita estudou, ainda não possuía um local próprio, sendo esse construído só em 1970, até então era localizada no grupo escolar Sólon Lucena. (SOUZA, 2014)

Cursar pedagogia, na Escola Normal Padre Emídio Viana nos anos de 1960, assim como Elenita o fez, era uma profissão de desejo entre as jovens pois implicava respeito e prestígio no meio social. Principalmente porque através desses espaços as normalistas tinham uma formação considerada como uma extensão do ambiente familiar, aprendendo as chamadas prendas domésticas.

Assim, acreditamos que a opção da jovem Elenita em se tornar professora, faz parte de um aspecto mais amplo que ocorreu com as mulheres, em especial a partir dos anos de 1960. Alguns pesquisadores como autora Louro (1997) intitulam esse processo de “feminização do magistério”.

---

<sup>3</sup> Segundo Silva (2014) O gigantão foi a forma que a população se referia ao Colégio Estadual Elpídio de Almeida, conhecida pela sua extensa área de 19.397 m<sup>2</sup> e por ser um espaço no qual comportava um grande número de alunos.

<sup>4</sup> Em 1958 as únicas escolas da cidade que incluía a escolaridade do ginásio eram: o colégio Alfredo Dantas, Colégio Diocesano Pio XI, Imaculada Conceição e o Estadual de Campina Grande, apenas esta última era pública, sendo as demais pertencentes ao ensino particular. (SOUZA, 2014)



Podemos perceber que o magistério primário no mundo ocidental era uma ocupação majoritariamente masculina em meados do século XIX, e só a partir do século XX foi que esses cargos passaram a ser habitualmente frequentados pelas mulheres.

No Brasil, por volta dos anos de 1960, os militares passaram a entender a educação como essencial para o desenvolvimento do país, ligando, assim, os elementos em torno do progresso e patriotismo. Era preciso perceber a importância da mulher na educação moral e, portanto, na formação de bons cidadãos. O destino nacional agora incorporaria a mãe como símbolo dos bons costumes. “Para que o Brasil cumpram-se os seus altos destinos é necessário educar a infância, e para educar a infância é necessário educar a mulher, formar mãe de família” (HAHNER, 2011, p.468 *apud* BARROSO, 1876, p.100).

Até o fim do século XX, a feminização do magistério já era um acontecimento notável, contudo, é válido ressaltar que, embora a maioria dos homens não estivesse ocupando os cargos de professores, não significava afirmar que eles ficaram as margens do ensino, pois, por décadas, eles passaram a ocupar os cargos de inspetores ou funções relacionadas à administração educacional. Também ocupando outros cursos, como o direito, formação elogiada no período, visto que era o “curso das leis”, ou seja, que dava autoridade aos homens.

Devemos considerar a importância que o magistério teve para as mulheres, já que o acesso à educação e à profissionalização criou oportunidades que contribuíram para uma maior independência econômica afirma Hahner (2011). No caso de Elenita, assim como outras mulheres, passaram a enxergar a profissão como uma forma de se tornar independente financeiramente e não depender da figura masculina.

Embora Elenita tenha seguido esses passos e tenha sido influenciada pela Feminização do magistério, ela não optou, nesse primeiro momento, em se dedicar ao magistério. Em 1960 conclui seu curso na Escola Normal e em 1967 passa no concurso na Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Nesse momento é necessário perceber o quadro histórico do Brasil, pois marginalizava e até reprimia esses cursos.

Compreende-se como período da Ditadura Militar, os anos que vão de 1961 a 1985, momento no qual os militares estiveram à frente do governo brasileiro. Tal governo iniciou-se com a renúncia da presidência de Jânio Quadros e pela sua substituição por João Goulart (1961-1964). As classes populares, como as organizações estudantis e os trabalhadores, ganharam espaço em seu governo, fazendo com que as classes conservadoras, a exemplo dos banqueiros e empresários temessem um regime



socialista no país. Vale salientar que o contexto mundial era marcado pelo auge da Guerra Fria<sup>5</sup>.

Os partidos em oposição à União Democrática Nacional (UDN) e ao Partido Social Democrático (PSD) acusaram o governo de João Goulart de promover momentos propícios para o Golpe de Esquerda. Em 19 de março de 1964, os conservadores passaram a organizar manifestações contra João Goulart, reunindo milhares de pessoas que reivindicavam novas propostas. Nesse clima, em 31 de março de 1964, as tropas de Minas Gerais e de São Paulo foram para as ruas, e em meio ao tumultuo, João Goulart se refugiou no Uruguai, fazendo com que o governo fosse entregue aos militares.

Após o primeiro Ato Constitucional 1 (AI-1), que depôs os mandatos de políticos que tinham marcas e ideias contrárias ao Regime. Retirando, desse modo, a estabilidade de funcionários públicos. A partir disso, estabeleceram-se os seguintes governos: Castello Branco (1964-1967), governo de Costa e Silva (1967-1969), governo da Junta Militar (31/8/1969 - 30/10/1969), que foi o sucessor de Costa e Silva quando o mesmo encontrou-se debilitado, com problemas de saúde. Depois, o Brasil vivenciou o governo Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979) e, por fim, o governo de Figueiredo (1979-1985).

Nesse período, o país passou por diferentes mudanças, como a falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censuras na mídia, perseguições políticas e maus tratos contra as pessoas que não concordavam com os atos impostos pela Ditadura Militar. No ensino superior, em especial, os cursos de Sociologia e Filosofia eram responsáveis, em sua maioria, “de promover o perigo do comunismo”, visto que esses cursos tinham, em seu viés, o estudo e a reflexão sobre a sociedade, aspecto que fazia com que o governo mantivesse mais atenção com as universidades, sobretudo, pela facilidade da articulação de grupos nesses espaços.

O medo era imposto na população desinformada, que via no comunismo um retrocesso que acabaria por oprimir as pessoas a figura do Estado. Acreditavam que teriam de viver em péssimas condições de vida e que seriam comandadas por uma minoria opressora, a qual teria regalias graças ao trabalho do povo. Nesse sentido, havia agentes em todas as instâncias públicas, como nos jornais, nas repartições públicas e nas universidades. Essas pessoas se mantinham infiltradas nesses círculos e, muitas vezes, participavam da vida privada dos outros, sem que percebessem sua relação com o governo.

---

<sup>5</sup>Período histórico de disputas estratégicas de duas potências mundiais, Estados Unidos e a União Soviética que foi extinta em 1945 com sua ideologia socialista.



Foi nesse período da Ditadura Militar, que Maria Elenita cursou Ciências Sociais, e isso nos levou a fazer uma reflexão sobre a opção da professora por tal curso, fazendo-nos compreender que se tratava de uma opção singular, uma vez que o curso considerado adequado para as mulheres era o de Pedagogia.

Os argumentos de sua prima Maria Dapaz foram esclarecedores, visto que, de fato, a família de Elenita tinha condições, mas não suficiente para pagar um curso superior. Isso fez com que ela limitasse suas opções aos cursos oferecidos gratuitamente pela UFPB.

Embora os indivíduos estejam presos a uma rede de relações que ditam e obrigam os sujeitos a se apropriarem de determinados comportamentos, é importante salientar que essas relações dão a eles a liberdade de resistir. Assim, podemos entender que Elenita foi um sujeito que, apesar de obedecer a normalidade com certas atitudes consideradas “dignas” de uma mulher, a exemplo do fato de ter cursado Pedagogia, ela também resistiu a essas amarras que, perante a sociedade, não eram vistas como coerente ou normal.

Após a conclusão de curso, a educadora voltou para sua cidade natal, onde aplicou seus conhecimentos durante o período de 1971 a 1982, no mesmo lugar em que começou seus estudos, ocupando os cargos de diretora da instituição escolar, secretária do Programa Pró-município e lecionando as disciplinas de História e Geografia em Pedra Lavrada. A professora casou-se com Iêdo Carvalho Rosa em 1974, com quem teve três filhas: Andréa Vasconcelos Carvalho em 04/11/1975, Érika Vasconcelos Carvalho em 15/03/1981 e por último, Kilma Vasconcelos Carvalho no dia 18/04/1983. Já debilitada e encontrando-se na capital João Pessoa-PB, a professora faleceu em 1984, vítima de um câncer de mama.

A memória de Elenita permaneceu viva na cidade, isso fez com que o Sr. prefeito da época Manoel Rodrigues de Lima, em 1985 reconhecesse a relevância dos trabalhos prestados pela educadora, homenageando-a com seu nome a escola Municipal<sup>6</sup> da cidade. No entanto, não conseguimos escritos sobre a professora na instituição, o que aumentou nosso compromisso, pois acreditamos que dessa forma estamos contribuindo com o estudo da história local da cidade.

---

<sup>6</sup> A referida escola foi construída em 1985, um ano após a morte de Maria Elenita. Inicialmente o “grupinho”, como ficou conhecido na cidade, comportava a escolaridade Pré-escolar pela manhã e EJA no turno da noite. Atualmente, a escola é referenciada pelo ensino de qualidade comprovados pelo IDEB (Índice de desenvolvimento de educação básica), obtendo a nota de 5.9 em 2015, considerado uma das melhores da região do Curimataú. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> Acesso 09.08.2017. Atualmente a escola funciona com os níveis de escolaridade do Ensino Infantil, Educação fundamental e educação de Jovens e adultos, e tem como diretor Daniel Macedo. A escola funciona na rua Heronides Meira de Vasconcelos, localizada no centro da cidade.



Quanto às fontes, enveredamos pelos caminhos da história oral, que segundo Alberti (2011, p.155) constitui uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes, surgida em meados do século XX, após a propagação do gravador para uso doméstico. Estas consistem na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e/ou conjunturas do passado. Nesse sentido, foram entrevistados 8 (oito) pessoas entre amigos e familiares que conviveram com Maria Elenita.

O estudo a partir das entrevistas exigem exercícios do olhar, ouvir, interpretar, pois o palco é a vida. Segundo Thompson (1992, p.25) A experiência de vida das pessoas é utilizada como matéria prima para o historiador que usa sua criatividade e elabora sua escrita no estudo/reflexão de uma temática. Ele ainda considera que o pesquisador tem a função de delimitar tempo/espaço e atuação desse sujeito questionando sempre sua interação com a sociedade.

Diante dos entrevistados nesta pesquisa, percebemos que há certa recorrência quando o assunto é doença e morte. Elenita experimentou ao longo da sua vida diferentes relações de afeto. Isso nos levou a confirmar o que Halbwachs (2006) analisou em seus estudos, que as memórias das pessoas estão inseridas na memória individual e na coletiva. Para evocar seu próprio passado, as pessoas recorrem às lembranças de outras, e se transportam para outros pontos de referencias fora de si, determinados pela sociedade.

Esse artigo faz parte de um estudo realizado em 2014 que sucedeu em artigos publicados e no trabalho de conclusão de curso “Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984)” com a orientação do professor Iranilson O. Buriti.

Os horizontes da pesquisa alargaram e ganharam novos contornos, sendo atualmente alvo de um estudo que sucederá na dissertação, através do Programa de Pós graduação em História com orientação de Regina Coelli G. Nascimento e Co-orientador o mesmo professor da monografia. Nesse artigo problematizaremos a vida da Maria Elenita a partir da relação com o câncer de mama, doença que levou a óbito a professora em 20 de fevereiro de 1984.



## **“PARA TODOS OS LAVRADENSES MEU ULTIMO ABRAÇO”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VASCONCELOS (1944-1984)**

Elenita residindo na cidade de Pedra Lavrada e trabalhando na educação do município e casada com Iêdo Carvalho Rosa, teve Andrea sua primeira filha em 1975, e a segunda em 1981 Èrika. De longe, uma família feliz até que, um fato, aparentemente sem muita importância passou a ser motivo de preocupação. Elenita nas gestações de suas primeiras filhas não conseguiu amamentá-las, a professora então resolve ir ao médico que após um exame de mamografia, detecta um nódulo no seu seio.

Aos seus 36 anos, Maria Elenita passou a ter a saúde fragilizada e pediu transferência para a capital João Pessoa-PB em 1980 para fazer um tratamento médico. O sofrimento físico e emocional se tornou cada vez mais presente, agravado quando descobre a gravidez da sua terceira filha.

O conselho do médico, após ter realizado o exame era de retirar o nódulo e se necessário o próprio seio. Porque Elenita não seguiu essa advertência médica? Trabalhamos com várias hipóteses uma delas, e o temor na mudança da estética, já que corria o risco da professora ter que fazer a retirada do nódulo.

Nossas entrevistas apontam para uma Elenita, extremamente preocupada com tais assuntos, principalmente no cuidado com o corpo, a exemplo das suas unhas e cabelos. Segundo Perrot (2017) A mulher é feita de aparência, isso faz parte de um contexto mais amplo no qual sua beleza geralmente é parâmetro para definir o papel da mulher na sociedade, o valor estético sempre foi uma marca relacionada a elas. No entanto, essas são apenas especulações, pois não foram relatados por nossos entrevistadores.

Ao problematizar essa memória estamos contribuindo para a tarefa do historiador que é “Não deixar as versões aceitas do passado se petrificarem; buscando a contiguidade anômala, entre os eventos, estabelecendo entre eles a novidade (...) mas aprender a ver as coisas de várias posições” (ALBUQUERQUE, 2007, p.2).

Para Erika, as informações e versões que chegaram até ela, em torno desse fato são muitas, uma delas é que a professora só adquiriu o nódulo devido às angústias sofridas na vida, principalmente as possíveis traições realizadas por seu esposo Iêdo.



Para Fátima, sua irmã, fez uma mamografia com doutor Pereira na cidade de Cuité-PB, a escolha do médico se deu principalmente porque ela era amiga de sua esposa. “Ele pegou a mamografia para olhar e disse: diga a ela que me espere para eu marcar a cirurgia e ela pegou o exame e veio embora”.

Segundo Fátima, sua irmã estava ciente que tinha um nódulo, mas no primeiro momento ela teve medo, pois “ela nunca imaginou que ia se transformar em uma coisa tão séria (...) foi retardamento do tratamento, foi falha dela mesmo, que ela não procurou se cuidar”.

Erika, em sua narrativa, descreve o que foi repassado pelo seu pai Iêdo e fez questão de dizer que acredita piamente na palavra dele. Segundo ela, a professora fez 2 exames, o primeiro em um hospital público e o segundo no hospital particular em Campina Grande. Ela, então preferiu acreditar, ou acreditou na segunda opção, já que o fato de ser uma instituição particular lhe trazia mais confiança.

Para Maria Dapaz prima de Elenita, ela ficou em dúvida no primeiro diagnóstico e foi fazer um segundo na cidade de Campina Grande, com outro profissional da qual não se recorda o nome, e a médica tinha aconselhado a professora a ter outra filha, alegando que o nódulo iria desaparecer após a gravidez, apontando que o mesmo foi causado pelo excesso de hormônio.

Vale ressaltar que o câncer de mama, hoje é indicado como um dos tipos mais freqüentes no mundo, no Brasil ele lidera o ranking, ficando em segundo apenas na região Norte com câncer do colo de útero em primeiro. As taxas de mortalidade se tornam elevadas, uma vez que o diagnóstico se dá de forma tardia (PORTO; TEXEIRA; SILVA, 2003, p. 332).

A mulher em contato com o próprio corpo, pode em alguns casos sentir o nódulo, essa prática consiste em um dos diagnósticos, no entanto, a repressão em torno do desejo e da sexualidade feminina parece coibir essas práticas entre as mulheres. Outra forma de detectar a doença é fazendo o exame de mamografia, que é com imagens radiológicas específicas das mamas, este aparelho chamado de senígrafo<sup>7</sup> foi produzido pela primeira vez França em 1965.

O fato é que em 1982 Elenita engravidou de sua terceira filha chamada Kilma. Erika relata que foi nessa gravidez, quando realmente foi detectado o câncer em estágio avançado. “Foi sugerido no início da gravidez que ela tirasse (o bebê) para fazer o tratamento, e ela preferiu não fazer o aborto, ela queria ter Kilma, independente das consequências.”

---

<sup>7</sup> No Brasil o aparelho só foi difundido entre o setor privado e público a partir de 1970, ou seja, em média apenas 10 (dez) anos antes que a professora descobriu a doença, o que nos leva a acreditar que o câncer de mama era pouco debatido, estudado. O que pode ter contribuído a princípio para a recusa inicial da professora no tratamento. (83) 3322-3222



A maternidade era uma missão feminina “sagrada”, ter filhos era considerado um aspecto indissociável da vida da mulher. A discussão começou a ser ampliada em 1960 com a comercialização nos Estados Unidos da pílula anticoncepcional. Sendo as práticas anti-natalidade liberadas pela igreja em 1953 e a pílula tempos depois, permitindo ao casal decidir o número de filhos. (PINSKY, 2014, p.291)

O controle e a limitação de número de filhos eram permitidos pela igreja católica, porém, a interrupção da gravidez ainda hoje é considerada um crime, já que os religiosos entendem que com isso interrompe-se uma vida, caracterizando assim, um assassinato. (KALSING, 2002).

Embora os médicos e as pessoas próximas tenham aconselhado a professora a fazer o procedimento do aborto, por uma causa aparentemente “aceita” pela igreja, já que é em prol da sua própria sobrevivência, podemos presumir que Elenita tenha sido influenciada por esse pensamento religioso.

Segundo Bourdieu, a igreja torna-se, muitas vezes, detentora de um poder simbólico, que impõe sua visão a toda sociedade, influenciando indivíduos e suas decisões. Como se esse poder fosse uma espécie de construção do mundo. Nesse sentido a internalização dos valores religiosos, agem como habitus ou sistemas de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas. (KALSING,2002 apud BOURDIEU, 2003).

Os procedimentos realizados contra o câncer de mama, como a radioterapia e a quimioterapia são agressivos e põem em risco a vida do bebê. Mesmo as pessoas próximas, como seu esposo Iêdo, e os profissionais da saúde, tenha aconselhado a professora a realizar o aborto, Elenita optou por salvar, em primeiro lugar a sua filha. Esse fato é relatado com muita emoção por Erika, que no decorrer da entrevista percebo seus olhos negros, se encherem de lágrimas. È nesse momento, que esqueço a condição de pesquisadora e compartilho com ela esse sentimento.

Nas entrevistas realizadas com as duas filhas de Elenita, se configura como uma experiência, que segundo Larrosa (2002, p.21) “È o que nos passa, o que nos acontece e nos toca”. Pois não obtivemos apenas informações a respeito da pesquisa, mas acontecimentos que nos moveram enquanto pesquisadora.

Nessa experiência, tive a oportunidade de me colocar no lugar dessas meninas, que viveram um passado triste, aprenderam vivenciando uma das piores dores que o ser humano pode passar, isso nos leva a perceber que embora sejamos passageiros deixamos marcas que

permanecem inscritos nas pessoas que nos relacionamos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta da gravidez causou alegria e ao mesmo tempo dúvidas quanto ao futuro da professora. Para realizar o tratamento, os profissionais deixaram claro a não garantia da saúde do bebê. Os médicos sugeriram o aborto, pois nesta opção iniciaria o tratamento o quanto antes, aumentando assim as suas chances de sobrevivência.

Apesar dos conselhos de amigos e médicos recomendando que professora realize o aborto, ela opta por ter sua filha e retardar o tratamento. Após 8 meses de gestação, em um parto prematuro, no dia 18 de abril de 1983 Kilma da Luz nasce.

A pequena foi luz, sua presença trouxe leveza e inocência de ser criança. De não saber o que estava acontecendo, ser ela mesma e sobreviver a tudo sem se abalar. Ela trouxe um novo futuro, uma oportunidade de vida e esperança, uma nova história.

Esse período ficou gravado na memória das pessoas que conviveram com Elenita. Os meses após o nascimento foram conturbados, pois o câncer de mama de se agravou aos poucos, lentamente, ferozmente, fazendo com que a professora já ciente do que iria lhe acontecer escrevesse um cartão de natal para sua filha Kilma<sup>8</sup>, a qual pouco conseguiu conviver.

Também ditou uma carta pessoal destinada a parentes, amigos e a comunidade lavradense, já que a doença espalhou, deixando ferimentos graves no seu braço Elenita não pode escrever a carta. Nela, a professora descreve características suas que vão apresentar aspectos da sua personalidade através das situações de estímulo, perdão, cuidados, egoísmo, amor e carinho.<sup>9</sup>

Outro aspecto importante aspecto a ser destacado é que a professora embora a tenha externado a vontade de viver para poder acompanhar a vivencia de suas filhas. Erika, Ao perceber a gravidade da doença, passou a conviver com a morte como uma forma natural da vida. Seja a partir de escritos e das próprias ações, como comprar seu caixão e coloca-lo em sua sala, afim de quando falecesse já a colocasse naquele objeto.

---

<sup>8</sup> Devido a objetividade deste gênero textual, optamos por não fazer análise da fonte nesse momento por se tratar de uma análise ampla, principalmente relacionado a estes escritos. Pretendemos problematizar tais aspectos na dissertação "Entre memórias e histórias da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984)".

<sup>9</sup> Problematizada na monografia "Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória da professora Maria Elenita de Vasconcelos (1944-1984)".



Os conceitos trabalhados por Aries (1989) da morte domesticada e a morte selvagem exprime um pouco essa relação de Elenita com a morte. Para ele o primeiro, era uma forma natural que as pessoas tinham de encarar a morte, como um estágio de todo ser humano. Na selvagem, ao contrário, há uma repulsa, uma exclusão do sujeito quando se ver diante dela.

Em Elias (2001) ele traz algumas reflexões em torno da doença e dessa morte selvagem. Para ele as pessoas tentam todas as formas para prolongar a vida, principalmente através de tratamentos médicos que muitas vezes só faz maltratar o doente com técnicas invasivas. Isso causa certo isolamento, pois se antes o doente era tratado em casa pela família, agora a equipe de saúde é quem faz esse papel, deixando-o cada vez mais isolado e sem nenhum contato com as pessoas queridas do moribundo, é como se morte fosse vivida aos poucos e mais dolorosa.

Elenita, viveu nessa sociedade, participou dessas técnicas mas também passou a perceber a morte como um estado natural, se preparou. Acreditamos que a morte, nesse caso, antes de ser um mal, é um descanso. Principalmente, porque o câncer de mama é uma doença que causa dores físicas e emocionais fortes.

O historiador tem o ofício de dar a uma sociedade sua memória, seus laços com o passado a fim de que possa viver melhor com o seu presente. O sofrimento parece ser um estado recorrente nos escritos dos historiadores nas guerras, revoluções, catástrofes humanas e políticas, no entanto, costumeiramente ele é pouco problematizado. A presença de sentimentos como o amor, a tristeza configuram apenas como consequência de um relato histórico, sendo por vezes considerado objetos da literatura. “Encontrá-las, transcrevê-las, é tão raro quanto escutar falas” (FARGE, 2011, p.16)

A emoção não é uma deficiência, para a pesquisa, se aceitamos nos servir dela como ferramenta de reconhecimento e conhecimento. Estudar o sofrimento e os que estão nelas envolvidos a exemplo da doença e da morte é também uma forma do historiador abrir caminhos, diálogos que façam as pessoas envolvidas refletir melhor e trabalhar suas emoções.



## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Fontes históricas. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história**/ Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BONDÍA; Jorge Larrosa. **Nota sobre a experiência e o saber de experiência**. Ano 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso: 18.08.2017
- CARVALHO, Erika Vasconcelos [Abril 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Pedra Lavrada-PB**
- ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Tradução: Plinio Dentzien. Rio de Janeiro; Jorge Zahar. Ed. 2001.
- FARGE, Arlett. **Lugares para a história**. Trad. Fernando Scheid. Belo Horizonte. Autêntica, 2011.
- HAHNER, June. **Escolas mistas, escolas normais: A coeducação e a feminização do magistério no século XIX**. In. Estudos feministas. Florianópolis V.19. p.467-474, maio.2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 2ªEd. São Paulo, Centauro, 2006.
- KALSING, V. "O debate do aborto: a votação do aborto legal no Rio Grande do Sul". *Cadernos Pagú*, vol.19, p.279-314, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a11.pdf> Acesso: 18.08.2017.
- LIMA, Manoel Rodrigues: depoimento [maio.2015]. Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. Formas de viver no feminino: análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos carvalho**. Pedra Lavrada-PB.
- López-Pedraza R. **As emoções no processo psicoterapêutico**. Trad. Roberto Cirani. Petrópolis, RJ; Vozes, 2010.
- MACEDO, Graciliano Calixto. [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Pedra Lavrada-PB**.
- MEDEIROS, Kilma da Luz Carvalho [Abril, 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. Pedra Lavrada-PB**



PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M.S. Corrêa. 2ª Ed., 4ª reimpressão. São Paulo. Contexto, 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo. Contexto, 2014.

SOUZA, P. LIMA, N. **Criação da Escola Estadual Normal de Campina Grande-PB Primeiras aspirações acerca desta instituição escolar**. Artigo Ano 2014. Acesso: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/vi-ennhe/anais/trabalhos/eixo2/submissao\\_14712278409781472992304089.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/vi-ennhe/anais/trabalhos/eixo2/submissao_14712278409781472992304089.pdf) Disponível em 18.08.2017

TAVARES, Maria de Fátima [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho**. Pedra Lavrada-PB.

TEIXEIRA, M; Teixeira, L; SILVA, R. **História do Controle do Câncer de Mama no Brasil**. Revista Brasileira de Cancerologia 2013; 59(3): 331-339. Disponível em: [http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_59/v03/pdf/03-artigo-aspectos-historicos-controle-cancer-mama-brasil.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_59/v03/pdf/03-artigo-aspectos-historicos-controle-cancer-mama-brasil.pdf) Acesso: 18.08.2017

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado: História Oral**. Trad. Lólio L. Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VASCONCELOS, Socorro Maria. [maio 2015]. Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. Formas de viver no feminino: Análise de gênero na trajetória de Maria Elenita de Vasconcelos carvalho**. Pedra Lavrada-PB.

VASCONCELOS, Vicente Valdeci F. [março 2017] Entrevistadora: GUEDES, Maria Aline S. Guedes. **Entrevista cedida ao trabalho de conclusão do Mestrado em História: Formas de viver no feminino: Histórias de vida da Professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho**. Pedra Lavrada-PB